

JORNAL

do Leitor litúrgico

Jornal Inter Paroquial:
Carvalhosa – Eiriz – Figueiró – Sanfins

E-MAIL:
jornal.leitor@portugalmail.pt

SAIT:
www.paroquiascesf.com

PERIODICIDADE: semanal
N.º 606 – Ano XI – 26-01-2020

TEMPO LITÚRGICO:
III Domingo do Tempo Comum
ANO “A”

Sumário

PÁGINA – 1

- Sumário.
- Tempo Comum (*III Domingo*).
- Antífona de Entrada.
- Introdução.
- 1.ª Leitura (*Isaías*).

PÁGINA – 2

- Salmo Responsorial.
- 2.ª Leitura (*1 Coríntios*).

PÁGINA – 3

- Aclamação ao Evangelho.
- Evangelho (*Lucas*).

PÁGINA – 5

- Oração Universal.
- Antífona da Comunhão.
- Agenda Santoral.
- Oração pela unidade dos cristãos.
- Não desvirtuar a Cruz de Cristo.

PÁGINA – 6

- Viu uma grande Luz.
- A luz do Coração Imaculado de Maria.
- Papa Francisco (*Homilia*)

PÁGINA – 7

- Jesus chama os primeiros discípulos.
- Sabia que...
- Oração.
- Aniversários (*parabéns*).
- Humor.
- Escala de Leitores.

III Dom. Comum

“O Povo que andava nas trevas, viu uma grande luz”. Sobre um povo ignorado, esquecido e desprezado, resplandece agora, uma luz!

Jesus é a Luz, que começa a brilhar na Galileia dos pagãos. Ele propõe aos homens de toda a terra a Boa Nova da chegada do “Reino”. E chama, da escuridão para a luz, do fundo do mar e da morte, para a terra da promessa e da vida verdadeira.

Escutemos a sua voz, correspondamos ao seu chamamento!

Antífona de Entrada

Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, terra inteira. Glória e poder na sua presença, esplendor e majestade no seu templo.

Introdução

Quanto durará a noite?

«Judas, tendo tomado o bocado de pão, saiu logo. Fazia-se noite» (*Jo 13, 30*). Poucas palavras para descrever uma cena dramática: um homem, já completamente à mercê dos seus projetos loucos, abandona Cristo-luz e é engolido pela escuridão.

O homem teme a escuridão da noite e tranquiliza-se quando vislumbra os primeiros sinais do amanhecer. As sentinelas perscrutam o horizonte, esperando a aurora (*Sl 130, 6*); longas são as noites de quem, a arder de febre, fica angustiado pelos pesadelos e cansado de dar voltas na cama até amanhecer (*Job 7, 3-4*).

Aguarda também um raio de luz quem caiu nas trevas do vício, da mentira, da injustiça; aguarda uma luz que lhe anuncie o fim de uma noite dolorosa e o início de um novo dia.

Sentinelas, que vês na noite? – pergunta o profeta (*Is 21, 11*). Quanto durará ainda no mundo a escuridão do mal e do pecado? Quando serão as pessoas «libertadas do poder das trevas» (*Ci 1, 13*)?

Paulo convida a esperar: «Já é hora de acordardes do sono, pois a salvação está agora mais perto de nós do que quando começámos a acreditar. A noite adiantou-se e o dia está próximo» (*Rm 13, 11-12*).

O conflito luz-trevas, continua aguardando o dia sem fim, quando

«não mais haverá noite, nem terão necessidade da luz da lâmpada, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus irradiará sobre eles a sua luz» (*Ap 22, 5*).

– *Éramos trevas, agora somos luz. Faz, ó Senhor, que nos comportemos como filhos da luz.*

Primeira Leitura

Is 8, 23.b – 9, 3 (9, 1-4)

Monição:

O anúncio feito pelo profeta cumprir-se-á no Evangelho que logo depois ouviremos.

Antes da 2.ª Leitura: Falai todos a mesma linguagem. O apelo de unidade bem incisivo, da parte do Apóstolo.

Antes do Evangelho: Início do ministério de Jesus na Galileia.

Leitura:

Leitura do Livro de Isaías

¹Assim como no tempo passado foi humilhada a terra de Zabulão e de Neftali, também no futuro será coberto de glória o caminho do mar, o Além do Jordão, a Galileia dos gentios. ²O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou. ³Multiplicastes a sua alegria, aumentastes o seu contentamento. Rejubilam na vossa presença, como os que se alegram no tempo da colheita, como exultam os que repartem despojos. ⁴Vós quebrastes, como no dia de Madiã, o jugo que pesava sobre o povo, o madeiro que ele tinha sobre os ombros e o bastão do opressor.

Palavra do Senhor.

Recomendação aos Leitores:

Nesta Leitura, o domínio da respiração permite uma expressão mais viva do texto. Aliás a leitura ganha força com a combinação de incisos e pausas. Tal como numa peça musical, as pausas e as respirações, também são música. E há Leitores que têm muita dificuldade, muita dificuldade mesmo (*será vergonha?*) de “musicar” a leitura. Fazem uma leitura cinzenta, sem cor. Então, ou são monocórdicos, ou utilizam a fórmula do “choradinho”. Até quando, Leitores?

Comentário à 1.ª Leitura:

À exceção do primeiro versículo, tínhamos ouvido já a Leitura de hoje, durante a Missa da noite de Natal. Para uma compreensão mais completa do texto, pode-se assim fazer referência à explicação que foi dada.

A profecia deve ser ambientada historicamente na segunda metade do século VIII a.C, a época da grande expansão assíria em todo o Médio Oriente. Também as tribos de Zabulão e de Neftali, situadas na parte norte de Israel, foram envolvidas nestas perturbações político-militares: destruições, violências, deportações, imposições de pesados tributos, foram estas as consequências da invasão dos exércitos vindos da Mesopotâmia.

A dramática situação é apresentada por Isaías como *uma humilhação* permitida pelo Senhor, como um triunfo da *escuridão* sobre a luz.

A região da Galileia estava como se tivesse voltado o caos que reinava antes da criação, quando «as trevas cobriam o abismo» (*Gn 1, 2*). As terras férteis para além do Jordão pareciam envolvidas na escuridão de uma noite sem fim. Por todo o lado reinava, incontrastável, a morte. O povo, abatido, tinha perdido toda a esperança, resignado a ver o glorioso «Caminho do Mar», que passando pela Palestina ligava o Egipto e a Mesopotâmia, deportado para sempre pelos altivos soldados assírios.

Neste momento de desânimo geral, eis que ressoa a voz do profeta que anuncia a aurora de um dia novo: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou» (*Is 9, 1*).

É a promessa de uma inversão da situação. Com o seu olhar clarividente, Isaías vê os exércitos assírios, responsáveis pelo desastre nacional, retirarem-se, e Israel retomar a sua vida na alegria e na paz.

A luz a que o profeta se referia era certamente um novo rei, descendente da família de David, destinado a levar até ao fim a missão de dissolver as trevas introduzidas pelos invasores estrangeiros. Provavelmente pensava em Ezequias, o menino no qual tinha depositado tantas esperanças.

Mas, afinal, o que aconteceu historicamente?

Nada. Os Assírios continuaram a ocupar as terras de Zabulão e de Neftali por mais uma centena de anos e Ezequias, que tentou subtrair-se ao seu jugo, «foi fechado em Jerusalém como um pássaro numa gaiola» – lê-se numa inscrição de Senaquerib encontrada em Nínive.

E então? O profeta tinha-se enganado?

Ora bem: a perspectiva histórica que nós temos é muito fechada e limitada: se nós não vemos realizarem-se imediatamente os nossos projetos, pensamos que Deus se tenha esquecido de nós. Mas Ele realiza as suas promessas, sim, mas de forma inesperada e no tempo por Ele estabelecido.

Se os sonhos dos homens do tempo de Isaías se tivessem cumprido, aos opressores assírios teriam sucedido outros opressores, porque esta é a lógica do mundo: quem perde é eliminado, e quem vence deve imediatamente enfrentar outros pretendentes.

Ora, Deus não entra neste conflito. Olha do alto e segura com firmeza a situação. Tem um projeto que abala pela raiz a lógica repetitiva e inconcludente da luta pelo poder.

Mas a profecia realizou-se, segundo a lógica de Deus, 750 anos depois.

Quando Jesus apareceu nas margens do lago, o reino dos Assírios tinha-se desmoronado há centenas de anos, mas a escuridão do mundo não se tinha dissolvido. Era a escuridão do mal, da violência, da opressão, da corrupção, do egoísmo. Esta escuridão começou a desvanecer – como dirá Mateus no Evangelho de hoje – apenas quando, no início da vida pública de Jesus, uma luz brilhou nos montes da Galileia.

Salmo Responsorial

Salmo 26 (27), 1.4.13-14 (R. 1a)

Monição:

Cantemos ao Senhor que é a luz que brilha nas trevas, a esperança dos que caminham para a casa do Pai.

Refrão:

O SENHOR É MINHA LUZ E SALVAÇÃO

Ou:

O SENHOR ME ILUMINA E ME SALVA

O Senhor é minha luz e salvação:
a quem hei de temer?

O Senhor é protetor da minha vida:
de quem hei de ter medo?

Uma coisa peço ao Senhor, por ela anseio:

habitar na casa do Senhor

todos os dias da minha vida,
para gozar da suavidade do Senhor
e visitar o seu santuário.

Espero vir a contemplar a bondade do
Senhor na terra dos vivos.

Confia no Senhor, sê forte.

Tem confiança e confia no Senhor.

Segunda Leitura

(1 Cor 1, 10-13.17)

Monição:

Falai todos a mesma linguagem. Este é o apelo de unidade bem incisivo, da parte do Apóstolo.

Leitura:

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Irmãos: ¹⁰Rogo-vos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma linguagem e que não haja divisões entre vós, permanecendo bem unidos, no mesmo pensar e no mesmo agir. ¹¹Eu soube, meus irmãos, pela gente de Cloé, que há divisões entre vós, ¹²que há entre vós quem diga: «Eu sou de Paulo», «eu de Apolo», «eu de Pedro», «eu de Cristo». ¹³Estará Cristo dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Foi em nome de Paulo que recebestes o Batismo? ¹⁷Na verdade, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho; não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de não desvirtuar a cruz de Cristo.

Palavra do Senhor.

Recomendação aos Leitores:

Nesta 2.^a Leitura, o discurso, a argumentação de Paulo, deve aparecer nos teus lábios, Leitor. Atenção ao modo como fazes as interrogações da leitura. Lê em casa para alguém e exercita-a bem.

Tal como se recomenda para a 1.^a Leitura, recomenda-se igualmente para esta: não faças uma leitura cinzenta. Faz, antes, uma leitura colorida. E há Leitores que sentem tanta dificuldade (*será vergonha?*).

Seleciona alguma palavra que te pareça mais difícil e exercita-a também.

Comentário à 2.^a Leitura:

Quando escreve a primeira carta aos cristãos de Corinto, Paulo está em Éfeso, a capital política e religiosa da província romana da Ásia, o lugar de encontro entre as culturas do Oriente e do Ocidente, a sede dos mestres e artesãos famosos. Ali encontram-se marinheiros, soldados, comerciantes, provenientes de todo o mundo.

Um dia chegam a esta cidade, provenientes de Corinto, alguns membros da família de Cloé que entregam a Paulo uma carta enviada pelos cristãos daquela comunidade. Antes de a ler, o Apóstolo quer saber notícias daquela Igreja, e os seus hóspedes, inicialmente um pouco hesitantes – não sabem se dizer ou não – acabam por contar tudo o que sabem, sem reticências.

Em Corinto, a vida da comunidade é penosa: há discórdias escandalosas, surgiram partidos que se identificam pelo nome de um Apóstolo (*há quem se glorie de pertencer a Pedro, outros a Apolo, outros a Paulo*); sobre os comportamentos morais... é melhor deixar cair um véu: há libertinagens das quais se envergonhariam até mesmo os pagãos; nas celebrações eucarísticas, cada grupo isola-se e desinteressa-se pelos outros; e não falemos das invejas, das críticas, da maledicência... Enfim, a gente de Cloé – como se costuma dizer – esvaziou o saco.

Desiludido e preocupado, Paulo ouviu em silêncio. Por um momento terá até pensado no fracasso de toda a sua missão evangelizadora, mas depois recobra-se e decide escrever aos cristãos de Corinto. Foi assim que nasceu a carta que nos tem sido proposta nestes domingos.

O primeiro assunto que nela trata é o das divisões, os contrastes, o nascimento de partidos naquela comunidade, e é o trecho da Leitura de hoje. «Estará Cristo dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Foi em nome de Paulo que recebeste o Batismo?». São palavras duras, que revelam a gravidade da situação.

As discórdias eram provocadas – como acontece também nos dias de hoje – pelo egoísmo, pelo desejo de dominar, de prevalecer, de se impor às outras pessoas. Paulo esclarece: os Apóstolos não são patrões, mas servos; não são eles os salvadores, o Salvador é um só, Cristo.

A luz do Evangelho – acesa por Paulo – tinha brilhado em Corinto, mas a escuridão do pecado e as trevas da morte eram ainda muito densas e lentas a dissolverem-se.

Aclamação ao Evangelho

(cf Mt 4, 23)

Monição:

Pelas palavras do evangelista Mateus acompanhemos o início do ministério de Jesus na Galileia.

Refrão: ALELUIA, ALELUIA!

Jesus proclamava o Evangelho do reino
e curava todas as doenças entre o povo.

Evangelho

(Mt 4, 12-23)

Evangelho:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

¹²Quando Jesus ouviu dizer que João Baptista fora preso, retirou-Se para a Galileia. ¹³Deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, no território de Zabulão e Neftali. ¹⁴Assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara, ao dizer: ¹⁵«Terra de Zabulão e terra de Neftali, estrada do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios: ¹⁶o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam na sombria região da morte, uma luz se levantou». ¹⁷Desde então, Jesus

começou a pregar: «Arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo».

¹⁸Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. ¹⁹Disse-lhes Jesus: «Vinde e segui-Me e farei de vós pescadores de homens». ²⁰Eles deixaram logo as redes e seguiram-n'Ó. ²¹Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco, na companhia de seu pai Zebedeu, a consertar as redes. Jesus chamou-os ²²e eles, deixando o barco e o pai, seguiram-n'Ó. ²³Depois começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo.

Palavra da Salvação.

Comentário ao Evangelho:

O trecho evangélico de hoje é constituído por três partes. Antes de mais, com uma citação do profeta Isaías, é introduzida a atividade de Jesus na Galileia; depois é o relato da vocação dos primeiros quatro discípulos; por fim, numa frase, é resumida a atividade de Jesus.

Após a conclusão da missão do Batista, Jesus transfere-se de Nazaré para Cafarnaum, que se torna o centro da sua atividade durante quase três anos.

Cafarnaum era uma aldeia de pescadores e agricultores que se estendia ao longo de trezentos metros na margem ocidental do lago de Genezaré. Não tinha a fama da cidade de Tiberíades – onde residia o tetrarca Herodes Antipa – ou como a rica e próspera Magdala, famosa pelas florescentes indústrias de peixe salgado e tinturaria; todavia, gozava de um certo prestígio: encontrava-se no «Caminho do Mar» – a célebre estrada imperial que do Egipto e passando por Damasco ia até à Mesopotâmia – e marcava a fronteira entre a Galileia e o Golan, que pertencia a Filipe (*outro dos filhos de Herodes, o Grande*). Era um lugar de fronteira, com uma alfândega onde eram cobradas as taxas sobre todas as mercadorias.

Mateus não se limita a anotar a mudança de residência de Jesus, acompanha também esta informação com um texto da Escritura. Para compreendermos o seu significado, devemos pensar que a Galileia era habitada por israelitas considerados por todos como semipagãos, porque nascidos do cruzamento de vários povos. Os judeus de Jerusalém desprezavam-nos porque os consideravam pouco instruídos, ignorantes da lei, corruptos nos seus costumes e pouco observantes das disposições rabínicas. Eram olhados com desconfiança também pelas suas tendências subversivas no campo político (*foram galileus os que deram início ao movimento zelota, responsável pelas revoltas sangrentas contra o Império Romano*).

Nesta região situada nas margens da terra santa, nesta «Galileia dos gentios», Jesus inicia a sua missão e, com esta escolha, indica quem são os *principais destinatários da sua luz*: não os judeus puros, mas os excluídos, os distantes.

Admirado com a fé do centurião – o chefe do destacamento de soldados romanos que residiam em Cafarnaum – um dia exclamará: «Em verdade vos digo: não encontrei ninguém em Israel com tão grande fé! Digo-vos que, do Oriente e do Ocidente, muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu, ao passo que os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores» (*Mt 8, 10-12*). E também aos sumos sacerdotes e aos anciãos fará notar a surpreendente mudança: «Os cobradores de impostos e as meretrizes vão preceder-vos no Reino de Deus» (*Mt 21, 31*).

A mudança de residência – facto por si só bastante banal – foi lida por Mateus no seu significado teológico, como o cumprimento da profecia de Isaías: «O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam na sombria região da morte, uma luz se levantou». Com o início da atividade pública de Jesus, entre os montes da Galileia brilhou a aurora de um novo dia, apareceu a luz de que falava o profeta.

O último versículo desta primeira parte apresenta o anúncio de Jesus: «Arrepentei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus».

Arrepende-se não equivale a «tornar-se um pouco melhor, rezar melhor, fazer mais alguma boa obra», mas a «mudar radicalmente o modo de pensar e de agir». Quem cultivou projetos de morte deve abrir-se a escolhas de vida, quem caminhou nas trevas deve voltar-se para a luz. Só se houver a disposição de operar esta mudança é que se pode entrar no Reino dos Céus (*não no Paraíso, mas na condição nova de quem escolheu jogar a própria vida segundo a palavra de Cristo*).

Depois, na segunda parte do trecho, é relatada a vocação dos primeiros quatro discípulos.

Não é o resumo do chamamento dos primeiros Apóstolos (*os quatro evangelistas narram o facto de modo muito diferente uns dos outros*), mas um trecho de catequese que pretende dar a entender o que implica para o discípulo dizer sim a Cristo que o convida a segui-lo. É um exemplo, uma ilustração do que significa arrepende-se.

Deve notar-se, antes de mais, a insistência nos *verbos de movimento*. Jesus não para um instante: «Caminhando ao longo do mar... Um pouco mais adiante... Começou a percorrer toda a Galileia».

Quem é chamado deve dar-se conta que não terá descanso, que não haverá paragens pelo caminho. Jesus quer ser seguido dia e noite e por toda a vida, não há momentos em que se esteja dispensados dos empenhos assumidos.

E a resposta deve ser *imediate* e *generosa*, como a de Pedro, André, João e Tiago, que «deixando as redes, o barco e o pai, seguiram-no».

Atenção, porque, o abandono do próprio pai, não deve ser mal-entendido. Não significa que quem se torna cristão (*ou escolhe a vida religiosa e consagrada*) se deve desinteressar dos próprios pais. Não, nada disso. No povo judeu o pai era o símbolo da ligação com os antepassados, do apego à tradição. É com esta dependência do passado que se deve romper, quando constitui um impedimento a acolher a novidade do Evangelho. A história, as tradições, a cultura de cada povo, devem ser respeitadas e valorizadas. Todavia, sabemos que nem todos os costumes e estilos de vida são conciliáveis com a mensagem de Cristo.

O pedido de Jesus refere-se à escolha dramática que os primeiros

cristãos eram chamados a fazer: se escolhiam tornar-se discípulos eram rejeitados pela família, menosprezados pelos pais, expulsos das sinagogas e excluídos do seu próprio povo.

Também nos dias de hoje, para algum de nós, pode apresentar-se a alternativa entre o amor «pelo pai» e a escolha de Cristo. Basta pensar no que implica para um muçulmano, para um judeu, para um pagão, para um budista a adesão ao cristianismo. Mas, para todos, *deixar o pai* implica o abandono de tudo aquilo que é incompatível com o Evangelho.

Ao convite a segui-lo, Jesus acrescenta a tarefa: «Farei de vós pescadores de homens».

A imagem é tomada da atividade dos primeiros Apóstolos. Não estavam a pescar com o anzol, mas com a rede, e a sua obra consistia em tirar do mar (*assim é chamado – impropriamente – o lago da Galileia*) os peixes.

Pois bem, no simbolismo bíblico o mar era a morada do demónio, das doenças e de tudo aquilo que se opõe à vida. Era profundo, obscuro, perigoso, misterioso, terrível. No mar viviam os monstros, e nele nem mesmo os marinheiros mais hábeis se sentiam seguros.

Portanto, pescar homens, significa retirá-los da condição de morte em que se encontram, significa subtraí-los às forças do mal que, como correntes impetuosas, os dominam, arrastam e submergem.

O discípulo de Cristo não teme as ondas e enfrenta-as corajosamente, mesmo quando são impetuosas. Não deixa de salvar um irmão, mesmo quando este se encontra em situações humanamente sem esperança: quando é escravo da droga, do álcool, das paixões desenfreadas, do seu carácter irascível, agressivo, intratável... ou seja, não há nenhuma situação que não possa ser recuperada pelo discípulo de Cristo.

Finalmente, a terceira parte, resume com três verbos o que Jesus faz pelas pessoas

Jesus ensina, portanto, é luz para cada pessoa; *proclama* a Boa Nova, ou seja, anuncia a todos uma palavra de esperança, garante que o amor de Deus é mais forte que o mal dos homens; e *cura* os doentes. Não se

limita a proclamar a salvação, mas realiza-a com gestos concretos, mostrando aos discípulos aquilo que são chamados a fazer: devem criar, pelo anúncio do Evangelho, homens novos, uma sociedade nova, um mundo novo.

Oração Universal

Missa Vespertina (de Sábado)

- 1 – Pela nossa Diocese e suas comunidades, para que nelas se anuncie aos homens do nosso tempo o apelo urgente da conversão ao Evangelho,
oremos ao Senhor.
- 2 – Pelos candidatos ao diaconado e ao presbiterado, para que escutem a voz de Jesus Cristo e recebam a graça de virem a ser pescadores de homens,
oremos ao Senhor.
- 3 – Por todos os que sofrem e desanimam em toda a terra, para que o Senhor venha em seu auxílio e os faça reencontrar a esperança,
oremos ao Senhor.
- 4 – Pelos cristãos leigos da nossa Diocese, para que saibam abrir-se ao diálogo fraterno com todas as pessoas que vivem a seu lado,
oremos ao Senhor.
- 5 – Pela nossa assembleia dominical, para que o Espírito de Deus dirija a nossa vida e nos faça produzir abundantes frutos de boas obras,
oremos ao Senhor.

Oração Universal

Missa do Dia (de Domingo)

- 1 – Pelo Santo Padre, o Papa Francisco, pelo nosso Bispo Manuel, pelos presbíteros e diáconos, e pelo povo que lhes foi confiado,
oremos, irmãos
- 2 – Pelas autoridades públicas do nosso País, pelas instituições particulares de solidariedade

e pelos homens que promovem o bem comum,
oremos, irmãos.

3 – Por todos os que se encontram em viagem, pelos que nunca saíram das suas terras, pelos cativos e pelos prisioneiros,
oremos, irmãos.

4 – Pelos nossos irmãos que sofrem, pelos que vivem na tristeza ou no desânimo e por todos os que se afastaram do Senhor,
oremos, irmãos.

5 – Por todos nós reunidos nesta igreja, pelos fiéis que no futuro aqui virão orar e pelos que já partiram marcados pelo sinal da fé,
oremos, irmãos.

Antífona da Comunhão

Voltai-vos para o Senhor e sereis iluminados,
O vosso rosto não será confundido.

Ou:

Eu sou a luz do mundo, diz o Senhor. Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida.

Agenda Santoral

Dia 27 – **S. Ângela Merici** (*Virgem*).

Dia 28 – **S. Tomás de Aquino** (*Presbítero e Doutor da Igreja*).

Dia 31 – **S. João Bosco** (*Presbítero*).

Dia 01 – **Santa Maria no Sábado.**

Oração pela unidade dos cristãos

Foi a semana passada que a Igreja promoveu um tempo de oração pela unidade dos filhos de Deus. Naquela semana, como nesta também, aliás, como em todas as semanas do ano, somos convidados à oração pela unidade dos cristãos. Ora, isto exige, pois, de cada um de nós uma resposta decidida.

Ao jeito de Cristo, também eu devo fazer alguma coisa, também eu devo quebrar «o jugo que pesava sobre o povo», repartindo os frutos da alegria, da justiça e da paz. Também eu devo pedir, em primeiro lugar, e como Jesus fez antes de partir, que «todos sejam um», que todos possamos abrigar-nos

à sombra da mesma árvore, aquecer-nos ao calor da «grande luz», a do amor fraterno, essa luz que o Pai faz despontar em nossos corações.

E se nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo, como diz o salmista, haveremos, já neste mundo, de «contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos».

Não desvirtuar a cruz de Cristo

~~ Unidade dos Cristãos ~~

Com humildade e com coragem, interroguemo-nos sobre as «divisões».

Porquê partidos dentro da Igreja, 'capelinhas', interesses egoístas, ciúmes, individualismos de toda a ordem, a começar pelos mais responsáveis? É preciso ver para aceitar; diagnosticar para salvar. Trata-se de um processo permanente de discernimento ativo, para nos curarmos das feridas da desunião. Só construindo a comunidade, evitaremos as quezílias provocadas pela «sabedoria de palavras», pelas disputas e discussões mesquinhas que o próprio São Paulo, como ouvimos na 2.^a Leitura, quis afastar para longe, «a fim de não desvirtuar a cruz de Cristo». É que pode acontecer que estejamos a matar a eficácia do Evangelho que pregamos com a boca, mas não pregamos com as obras.

A Carta aos Coríntios testemunha como se formou e se desenvolveu a primeira Igreja cristã, no seio da qual, infelizmente, não faltavam as divisões. O Apóstolo escreve: «Rogo-vos, pois, irmãos, pelo nome de Jesus Cristo, que digais todos o mesmo, e que entre vós não haja divisões, sede perfeitos no mesmo espírito e no mesmo parecer». E pergunta: «Estará Cristo dividido?». Pode estar dividido Cristo que me enviou a mim Paulo, a anunciar o Evangelho, não com a sabedoria da palavra, mas em virtude da sua cruz? Podem dizer alguns de entre vós: «'Eu sou de Paulo'; 'e eu de Apolo'; 'e eu de Cefas', 'e eu de Cristo'?» Porventura Paulo foi crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo?»

Há muitos apóstolos, muitos servos de Cristo, fundadores de novas

comunidades cristãs, mas através deles age sempre o próprio Cristo crucificado e ressuscitado. A igreja é de Cristo – somente de Cristo!

Como são atuais estas palavras, especialmente neste tempo em que a Igreja dedica a oração pela união dos cristãos! Como temos necessidade de tomar a peito estas reflexões do Apóstolo para abater, os muros das divisões e reencontrar o caminho da plena unidade!

Viu uma grande luz

Olhemos por fim para o Evangelho. São Mateus cita a passagem do profeta Isaías na primeira Leitura: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz». E que «grande luz» é esta, que se levanta nas trevas? É Jesus que começa a pregar e chama colaboradores, amigos dedicados, para anunciarem, com Ele, o Evangelho: «Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus».

A certeza de que Deus está conosco, e precisa de nós para salvar o mundo, é que nos leva a acompanhar o Senhor: «Vinde e segui-Me e farei de vós pescadores de homens».

Só Ele é a nossa luz e salvação. Só com Ele conseguiremos realizar a unidade, porque só Ele é o retrato da nossa identidade, o modelo, belo e esplendoroso, da dignidade humana.

A luz do Coração Imaculado Coração de Maria

Esta tema da luz leva-nos até Fátima, agora que ainda recordamos o centenário das aparições, há quase três anos, em 2017.

Há cem anos atrás, na Cova da Iria, os pastorinhos de Fátima foram envolvidos por uma luz divina que lhes é comunicada pela Virgem Maria. E eles mesmos se vêm em Deus, como relata a Lúcia sobre o que lhes aconteceu no dia 13 de maio: “Foi ao pronunciar estas últimas palavras (‘a graça de Deus será o vosso conforto’) que abriu pela primeira vez as mãos,

comunicando-nos uma luz tão intensa, ... fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus” (*Memórias*, 158).

É a luz divina que grava nos corações das crianças a mensagem que recebem. Assim o entende o Francisco, que, perante o interesse das pessoas, comenta para a prima: “Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no Seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande!” (*Memórias*, 127).

Essa luz é expressão da experiência divina que viveram as crianças e que, dando-lhes a conhecer a misericórdia de Deus, tornou-os portadores de uma missão em favor da humanidade: interceder diante de Deus pelos pecadores e implorar a paz para o mundo, através do Coração Imaculado de Maria.

Na geografia do mundo, estando nós portugueses tão perto de Fátima, sintamo-nos também nós chamados e comprometidos a ser instrumentos da paz de Deus.

Papa Francisco

Homilia do Evangelho de hoje

O Evangelho deste domingo (*II Comum*) narra o início da vida pública de Jesus nas cidades e aldeias da Galileia. A sua missão não começa em Jerusalém, ou seja, no centro religioso, social e político, mas numa zona periférica, uma região desprezada pelos judeus mais observantes, devido à presença naquela região de diversas populações estrangeiras; por isto o profeta Isaías a indica como «Galileia dos povos» (*Is 8, 23*).

É uma terra de fronteira, uma zona de trânsito na qual se encontram pessoas diversas por raça, cultura e religião. A Galileia torna-se assim o lugar simbólico devido à abertura a todos os povos. Sob este ponto de vista, a Galileia assemelha-se ao mundo de hoje: com a presença de diversas culturas, necessidade de confronto e necessidade de encontro.

Também nós estamos imersos todos os dias numa «Galileia dos povos», e neste tipo de contexto podemos assustar-nos e ceder à tentação de construir recintos para estarmos mais seguros, mais

protegidos. Mas Jesus ensina-nos que a Boa Nova, que Ele traz, não está reservada a uma parte da humanidade, deve ser comunicada a todos. É um feliz anúncio destinado a quantos o esperam, mas também a quantos talvez já não esperem mais nada, nem sequer têm a força para procurar e perguntar.

«Jesus passa pelas estradas da nossa vida diária»

Partindo da Galileia, Jesus ensina que ninguém está excluído da salvação de Deus, aliás, que Deus prefere partir da periferia, dos últimos, para alcançar a todos. Ensina-nos um método, o seu método, que, contudo, expressa o conteúdo, ou seja, a misericórdia do Pai. «Cada cristão e cada comunidade discernirá qual é o caminho que o Senhor pede, mas todos estamos convidados a aceitar esta chamada. Sair do próprio conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho»

Jesus começa a sua missão não só por um lugar descentralizado, mas também por homens que se diriam, pode-se dizer assim, «de perfil baixo».

Para escolher os seus primeiros discípulos e futuros apóstolos, não se dirige às escolas dos escribas e dos doutores da Lei, mas às pessoas humildes e simples, que se preparam com empenho para a vinda do Reino de Deus. Jesus vai chamá-los lá onde eles trabalham, nas margens do lago: são pescadores. Chama-os e eles seguem-no, imediatamente. Deixam as redes e vão com Ele: a sua vida tornar-se-á uma aventura extraordinária e fascinante.

«Se algum de vós sente que o Senhor lhe diz ‘segue-me’ seja corajoso; Ele nunca desilude.»

Queridos amigos e amigas, o Senhor, chama, também hoje! O Senhor passa pelas estradas da nossa vida diária. Também hoje neste momento, aqui, o Senhor passa pela praça. Chama-nos para andar com Ele, para trabalhar com Ele pelo Reino de Deus, nas «Galileias» dos nossos tempos. Cada um de vós pense: o Senhor passa hoje, o Senhor olha para mim, observa-me! Que me diz o Senhor? E se algum de vós sente que

o Senhor lhe diz «segue-me» seja corajoso, vá com o Senhor. O Senhor nunca desilude. Ouvi no vosso coração se o Senhor vos chama para o seguir. Deixemo-nos alcançar pelo seu olhar, pela sua voz, e sigamo-lo! «Para que a alegria do Evangelho chegue até aos extremos confins da terra e nenhuma periferia seja privada da sua luz»

(Papa Francisco, Angelus, Praça de São Pedro, 26 de janeiro de 2014)

Jesus chama os primeiros discípulos

A missão de Jesus começa nas margens do mar da Galileia; lago formado pelo rio Jordão. Mede uns 20 quilómetros de comprimento e 12 de largura. Iniciar a atividade no coração da Galileia e formar um grupo de discípulos tem um significado profundo.

--- A região da Galileia fica distante de Jerusalém. Em Jerusalém habitavam judeus mais ortodoxos. Nas terras da Galileia havia judeus e pagãos. Começar na Galileia queria significar que a mensagem e a salvação de Jesus, se destinava a toda a humanidade; também aos que não se encontravam no seio da religião judaica. É uma fé aberta a todos.

--- Jesus começa a sua atividade chamando os Apóstolos e formando uma comunidade. Eram simples pescadores do Mar da Galileia. Seguiam Jesus a fim de pregar e construir o Reino de Deus.

Jesus chama-os para que, formando comunidades cristãs, sigamos os seus passos, estejamos abertos a todos e façamos o bem.

Sabias que...

O Mar da Galileia

O Mar da Galileia é um lago. Grande parte da vida pública de Jesus foi passada nas suas margens. Aqui chamou os discípulos pelo próprio nome.

A este lago dão-se três nomes:

--- **Mar da Galileia.**

--- **Mar de Genesaré**, por ter forma de tira (em hebraico “kinor”).

--- **Mar de Tiberíades**, pela cidade de Tibería, situada na margem.

Está 209 metros abaixo do nível do mar. Os ventos provocam tempestades com ondas de quase 2 metros de altura, capazes de pôr em perigo a estabilidade dos pequenos barcos de pesca, que mediam uns 9 metros de comprimento por 2,5 de largura.

Oração

Senhor,
chama-nos pelo nosso nome
para que Te sigamos
e sejamos teus amigos.

Obrigado por nos convidares
a partilhar a tarefa
de construir um mundo melhor.

Obrigado, Senhor,
por pronunciares o nosso nome
com a mesma ternura com que
convocaste os teus discípulos.

Abre os nossos ouvidos à Tua palavra,
para que Te sigamos
com a força dos teus Apóstolos.

Parabéns (aniversários)

Esta semana, está de parabéns pelo seu aniversário natalício, a Leitora da Paróquia de São Pedro de Sanfins de Ferreira, **Irene Silva**, na próxima sexta-feira, **dia 31** de janeiro.

O Jornal do Leitor dá as boas-vindas a esta Leitora, acabada de entrar no Grupo de Leitores e deseja-lhe uma festa de aniversário bonita e muitas felicidades.

Humor

Na taberna:

Diz o taberneiro para o bêbado:
– Então explique-me lá por que é que pede todos os dias quatro copos de vinho?

– Durante a guerra eu e quatro camaradas meus, jurámos que quem se salvasse bebia um copo de vinho por cada um de nós.

– Salvaram-se dois?
– Não. Só me salvei eu, mas deixei de beber...

ESCALA DE LEITORES

26-01-2020 – III Dom. Comum

CARVALHOSA

Função	MISSA	
	Vespertina	Do Dia
Avisos	Jacinta Carneira	Rita Mendes
1.ª Leitura	Rosa Matos	Rosa Menezes
2.ª Leitura	José Maria Matos	José Meireles
Oraç Univ.	Jacinta Carneira	Rita Mendes

EIRÍZ

Função	MISSA	
	Vespertina	Do Dia
1.ª Leitura	Jorge David	Sónia Raquel
2.ª Leitura	Inês Pacheco	Cátia Vanessa
Oração Universal	Joana Gomes	Salomé Nóbrega

SANFINS

Função	MISSA	
	Vespertina	Do Dia
Avisos	Carla Gabriela	Isabel Matos
1.ª Leitura	Sofia Santos	Eulália Gonçalves
2.ª Leitura	Raquel Barros	Ricardo Brito
Oração Universal	Carla Gabriela	Isabel Matos

FIGUEIRÓ

Função	MISSA	
	Vespertina	Do Dia
Avisos	Madalena Santos	Susana Moreira
1.ª Leitu.	Madalena Santos	Lurdes Almeida
2.ª Leitu.	Paulo Neto	Alexandre Reguenga
Org. Fiéi.	Lúcia Abreu	Susana Moreira

Boa Leitura